

Grande sertão: veredas – as artimanhas da enunciação

Jeane Mari Sant'Ana Spera*

Resumo

Responsável pela arquitetura narrativa de **Grande sertão: veredas**, o narrador Riobaldo conduz o jogo dialógico de modo a criar um vai-vém discursivo que possibilita a detecção pontual de segmentos pertencentes à ordem do discurso e à ordem da história (respectivamente, mundo comentado e mundo narrado, segundo Harald Weinrich). Permeando um e outro mundo, estão as obsessões fundamentais do narrador, das quais destacamos aquela relativa à existência ou não do diabo. As ambigüidades derivadas desse movimento oscilante entre o ser e o não-ser provocam ainda o deslizamento entre o real e o irreal, o dito e o não-dito, o aparente e o oculto, o dado e o suposto. A coerência, no entanto, é reconstituída no alinhavado constante de vários recursos argumentativos que buscam a adesão do interlocutor, cuja voz só é entreouvida pela voz do narrador. Nesses casos, verificamos a presença do recurso ao argumento de autoridade, seja pela competência, seja pela experiência, seja, ainda, pelo testemunho. É, pois, nesses momentos de interlocução semi-explícita, na instância da enunciação, que se apresentam, com maior nitidez, elementos lingüísticos denunciadores das estratégias argumentativas que provocam e incitam o interlocutor/leitor a acompanhar esse “narrar dificultoso” e a finalmente concordar que “O diabo não há!... Existe é homem humano”.

Palavras-chave: Linguagem; Discurso; Enunciação; Argumentação; Estratégias argumentativas.

Uma das grandes obras da literatura moderna, **Grande sertão: veredas**,¹ de João Guimarães Rosa, foi considerado por Antonio Candido (1978) uma “extraordinária obra-prima”, na qual “há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado”.

* Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista – Assis.

¹ Todos os segmentos utilizados para exemplificação serão extraídos de: ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. Por essa razão, as citações serão acompanhadas apenas da indicação da página.

Referências

- BRØDAL, V. *Les parties du discours*. Copenhague: Muskgard, 1948.
- HAACK, S. *Filosofia das lógicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- HARRISON, J. The impossibility of 'possible' worlds. *The Journal of the Royal Institute of Philosophy*. Cambridge, n. 74, p. 5-29, 1999.
- HINTIKKA, Jaakko. Les intentions de l'intentionnalité. In: *L'intentionnalité et les mondes possibles*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1984. p. 143-179.
- JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.
- ROSA, João Guimarães. Desenredo. In: *Tutaméia*. Ficção completa. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 555-557.
- ROSA, João Guimarães. Famigerado. In: *Primeiras estórias*. Ficção completa. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 393-396.
- SOUZA, F. A. de. *Novo dicionário latino-português*. Porto: Lello & Irmão, 1984.

Grande sertão: veredas – as artimanhas da enunciação

Jeane Mari Sant'Ana Spera*

Resumo

Responsável pela arquitetura narrativa de **Grande sertão: veredas**, o narrador Riobaldo conduz o jogo dialógico de modo a criar um vácuo discursivo que possibilita a detecção pontual de segmentos pertencentes à ordem do discurso e à ordem da história (respectivamente, mundo comentado e mundo narrado, segundo Harald Weinrich). Permeando um e outro mundo, estão as obsessões fundamentais do narrador, das quais destacamos aquela relativa à existência ou não do diabo. As ambigüidades derivadas desse movimento oscilante entre o ser e o não-ser provocam ainda o deslizamento entre o real e o irreal, o dito e o não-dito, o aparente e o oculto, o dado e o suposto. A coerência, no entanto, é reconstituída no alinhavado constante de vários recursos argumentativos que buscam a adesão do interlocutor, cuja voz só é entreouvida pela voz do narrador. Nesses casos, verificamos a presença do recurso ao argumento de autoridade, seja pela competência, seja pela experiência, seja, ainda, pelo testemunho. É, pois, nesses momentos de interlocução semi-explicita, na instância da enunciação, que se apresentam, com maior nitidez, elementos lingüísticos denunciadores das estratégias argumentativas que provocam e incitam o interlocutor/leitor a acompanhar esse “narrar dificultoso” e a finalmente concordar que “O diabo não há!... Existe é homem humano”.

Palavras-chave: Linguagem; Discurso; Enunciação; Argumentação; Estratégias argumentativas.

Uma das grandes obras da literatura moderna, **Grande sertão: veredas**,¹ de João Guimarães Rosa, foi considerado por Antonio Candido (1978) uma “extraordinária obra-prima”, na qual “há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado”.

* Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista – Assis.

¹ Todos os segmentos utilizados para exemplificação serão extraídos de: ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. Por essa razão, as citações serão acompanhadas apenas da indicação da página.

De fato, o leitor de **Grande sertão: veredas** depara-se, logo de início, com um narrador que, em primeira pessoa, conduz a narrativa estabelecendo um diálogo com um interlocutor cuja voz se ouve em eco e pelo filtro da voz do narrador Riobaldo.

Nessa condição, os fatos narrados entrecruzam-se com os comentários, perguntas e exclamações do narrador, traduzindo uma dança verbal que intercala presentes e pretéritos numa ciranda poética que faz emergir as angústias e obsessões da personagem.

Essa arquitetura permite detectar pontualmente os segmentos narrativos que pertencem à ordem do discurso ou à ordem da história narrada, ou das histórias narradas, pois distinguimos aqui as inserções narrativas que pontuam os momentos de interação discursiva explícita entre Riobaldo e o doutor-interlocutor. Tal distinção coincide com o que Weinrich (1968), em estudo sobre a função dos tempos verbais na atitude comunicativa, denominou de mundo comentado e mundo narrado.

No mundo comentado, o tempo do presente é o tempo marcado e a posição do sujeito do discurso é de comprometimento com o interlocutor, cuja atitude receptiva é tensa, engajada, envolvida. No mundo narrado, ao contrário, o tempo marcado é o pretérito imperfeito e a atitude do interlocutor é relaxada, tranqüila, sem a exigência de engajamento.

Ora, em **Grande sertão: veredas**, vemos predominar o mundo narrado, com o rememorar dos fatos do sertão, vistos sob a ótica de Riobaldo e por ele traduzidos em palavras. A voz de Riobaldo, portanto, dirige os fatos de acordo com seus interesses argumentativos, do começo ao fim da obra.

É, no entanto, na instância do mundo comentado, ou seja, nos segmentos em que mais emergem traços da enunciação, que as obsessões da personagem eclodem. Dentre elas, predomina a grande obsessão, que ainda perturba e inquieta o valente jagunço: a existência ou não do diabo e, em decorrência, a validade ou não do seu estatuto de pactuário. Na trajetória entre esses dois mundos, Riobaldo constrói-se entre o ser e o não-ser, o real e o irreal, o amor e o desamor, o possível e o impossível, principalmente. Tal oscilação faz surgir um padrão frasal recorrente, como em “É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...” (p. 12); ou em “Creio e não creio. Tem coisa e cousa, e o ó da raposa...” (p. 27). Igualmente, a ambigüidade de sua paixão por Diadorim e os movimentos de aproximação e contenção, de prazer e angústia, traduzem bem esse movimento.

Diadorim, porém, pertence ao mundo narrado, visto ser esse assunto já resolvido na ordem da história, embora a saudade ainda seja uma realidade do presente. De fato, é por uma interessante estratégia narrativa que Riobaldo mantém a atenção de seu interlocutor/leitor a respeito de Diadorim: nega-lhe a informação

fundamental sobre a real condição feminina dessa outra personagem. Consegue, assim, durante todo o percurso narrativo, partilhar sua angústia, tornando o interlocutor um cúmplice de seu amor presumivelmente interdito no universo do sertão. Essa astúcia é, no entanto, justificada no final do romance:

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: – mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha... (p. 453)

Embora concordemos que Diadorim protagoniza um dos mais célebres casos de amor da literatura moderna, defendemos que é a obsessão pela certeza do pacto que atravessa o romance e ocupa o lugar privilegiado nos espaços da enunciação, pois é aí que Riobaldo investe sua força argumentativa para extrair do outro a adesão à sua tese de que o “tal” não existe, como se vê, por exemplo, na seguinte passagem: “E as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação que me deu de que o Tal não existe; pois é não?” (p. 33). É, portanto, nesses segmentos comentados, na instância enunciativa, que procuraremos detectar as artimanhas argumentativas de Riobaldo.

O romance começa com a representação de um evento de interlocução, caracterizando o espaço do comentário, e predomina nas páginas iniciais, mas o mundo narrado vai-se infiltrando devagarinho, aos poucos, em pequenos trechos, até que se configurem segmentos mais ou menos equilibrados entre comentário e narração, o que, de fato, é preconizado por Weinrich (1968), para quem a passagem “do narrar para o comentar e do comentar para o narrar... não deve pôr em perigo a compreensão com um ritmo muito rápido” (p. 71).

Dentre os recursos argumentativos constantes nos espaços da enunciação – ou do mundo comentado – destacam-se os argumentos de autoridade (PERELMAN, 1968), cujos elementos lingüísticos conduzem interlocutor-personagem e interlocutor-leitor às mesmas conclusões.

Constatamos, de início, na primeira referência de Riobaldo ao objeto de suas preocupações, a tentativa de desautorizar “o povo prascóvio” como agente de afirmação da existência do diabo: “Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio” (p. 9).

Ao desqualificar o argumento, atribuindo ao povo o modificador “prascóvio”, “variante, por epêntese, de pacóvio; tolo, ingênuo”, conforme afirma Castro (1970, p. 119), Riobaldo cria a expectativa de que seu interlocutor, por não ser “prascóvio”, negue a existência do demo. Trata-se, portanto, do avesso do argumento por autoridade. Nos argumentos por autoridade propriamente ditos,

Riobaldo começa por seduzir seu interlocutor, elogiando-o e conferindo a ele a autoridade necessária para validar a crença na não-existência do diabo:

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso – por estúrdio que me vejam – é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela... (p. 11)

Em outra ocasião, desqualifica-se para, por contraste, enaltecer seu interlocutor: “Sou só um sertanejo, nessas altas idéias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutorção” (p. 14).

Ainda na busca de adesão à sua tese, Riobaldo continua seu cerco ao interlocutor, agora já mencionando o pacto, embora negue querer “tocar nisso”, o que faz o argumento ser acompanhado pela figura chamada preterição:

Agora, bem: não queria tocar nisso mais – de o Tinhoso; chega. Mas tem um porém: pergunto: o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlada, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação.... [A alma] Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em idéia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, portanto. Sua companhia me dá altos prazeres. (p. 22)

Ainda com o mesmo procedimento de sedução, agora acompanhada de uma carga redobrada de angústia e revolta, traduzida textualmente pela disposição em expressar todos os nomes pelos quais o diabo é conhecido, Riobaldo insiste em dar nomes ao demo, como se, falando, exorcizasse todas as suas formas de referência:

E as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramunhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de Pato; o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Dubá-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga; O-que-nunca-se-ri; o Sem-Gracejos... Pois, não existe! E se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele? (p. 33)

Nas oscilações de seu raciocínio, que se configuram no plano lingüístico nas recorrências do padrão do ser-ou-não-ser que perpassa o romance, também o que é negado pode ser logo a seguir afirmado. Mesmo nesses momentos, a figura do interlocutor é enalticida:

Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. O senhor não vê? O que não é Deus, é estado de demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo.... Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte. Meu modo é este. Nasci para não ter homem igual em meus gostos. O que eu invejo é sua instrução do senhor. (p. 49)

Igualmente em momentos de recordação saudosa, em momentos de lirismo explícito, a lembrança do pacto é rechaçada pela afirmação da suposta incompetência que o narrador se atribui. Nessa condição de autoridade negativa, desqualifica o argumento afirmando tratar-se de coisa boba, tola, “bobéia”:

Diadorim veio para perto de mim, falou coisas de admiração, muito de afeto leal. Ouvi, ouvi, aquilo, copos a fora, mel de melhor. Eu precisava. Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas, não são de verdade! E de que é que, a miúde, a gente adverte incertas saudades? Será que, nós todos, as nossas almas já vendemos? Bobéia, minha. E como é que havia de ser possível? Hem?! (p. 66)

Outro procedimento presente no discurso persuasivo de Riobaldo consiste na técnica de argumentação por exemplos. O argumento pelo exemplo, afirma Breton (1999), “implica sempre em uma espécie de comparação e é, em si mesmo, um apelo à autoridade do fato exemplar” (p. 63). Riobaldo, no intuito de responder à pergunta sempre presente na narrativa (“o diabo existe?”), recorre a uma analogia:

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. E senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso. (p. 11)

Logo a seguir, a fim de fundamentar sua tese de que o homem é bom e é ruim, é Deus e o diabo, é o ser e o não-ser, a personagem lança mão de outra analogia:

Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-doce pode de repente virar azangada – motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas – vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma tomar peçonhas. (p. 11-12)

Ainda na mesma direção argumentativa, Riobaldo alinha outros exemplos, como o de Aleixo, “homem de maiores ruindades calmas”, que matou, “só por graça rústica”, um velhinho que pedia esmolas. Ou a história de Pedro Pindó e a mulher que, para corrigir o filho Valtêi,

... dão nele, de miséria e mastro – botam o menino sem comer, amarram em árvores no terreiro, ele nu nuelo, mesmo em junho frio, lavram o corpinho dele na peia e na taca, depois limpam a pele do sangue, com cuia de salmoura.... Arre, que agora, visível, o Pindó e a mulher se habituaram de nele bater, de pouquinho em pouquim foram criando nisso um prazer feio de diversão – como regulam as sovas em horas certas confortáveis, até chamam gente para ver o exemplo bom. (p. 14)

Tanto o exemplo de Aleixo como o de Pindó são usados, portanto, para defender a tese anunciada de que “o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum!” (p. 11). E, em todos os casos exemplares, sempre surge a face sedutora do discurso do narrador a reafirmar a autoridade de seu interlocutor ou a confirmar sua própria autoridade negativa: “Sou só um sertanejo, nessas altas idéias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma douturação” (p. 14).

Assim, nesses movimentos de oscilação entre crer e não-crer, afirmar e negar, dizer e desdizer, vai-se construindo a grande verdade que Riobaldo, guerreando com palavras, consegue finalmente confirmar: “O diabo não há!... Existe é homem humano. Travessia”.

Abstract

Responsible for the narrative architecture of *Grande sertão: veredas*, Riobaldo, the narrator, conducts the dialogical game in order to create a discursive to-and-fro motion, which allows the punctual detection of segments that belong to the order of discourse and to the order of history (respectively, remarked world and narrated world, according to Harald Weinrich). Permeating both worlds are the fundamental obsessions of narrator, from which we highlight the one related to the existence or not of devil. The ambiguities emanated from that movement of oscillation between to be or not to be (being or not being) even provoke a slide between real and unreal, that which was said and not said, apparent and occult, given and supposed. Coherence, nevertheless, is reconstructed through a constant tack of various argumentative resources that search for interlocutor's adhesion, whose voice is only listened by the narrator's voice. In such cases, we verify the presence of the resource to authority argument either through the competence or the experience, or even through the testimony. Therefore, it is in those moments of partly explicit interlocution, in the enunciation instance, that brightly presented linguistic elements, which are denouncers of argumentative strategies, provoke and impel the interlocutor/reader to follow that "hard narration" and to finally agree that "There is no devil!... What exists is human man".

Key words: Language; Speech; Enunciation; Argumentation; Argumentative strategies.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. Bauru: Edusc, 1999.
- CASTRO, N. L. *Universo e vocabulário do Grande sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.